

As raízes de Abraão



Sábado, 30 de Abril

Leia para o estudo desta semana: Gn 12; Is 48:20; 36:6, 9; Jr 2:18; Gn 13; 14; Hb 7:1-10

Texto para memorizar: “Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber como herança; e partiu sem saber para onde ia” (Hb 11:8)

Chegamos agora ao centro do livro de Gênesis. Esta seção central (Gênesis 12–22) cobrirá a jornada de Abraão, desde o primeiro chamado de Deus, lekh lekha, “Vá!” (Gn 12:1), o que leva Abraão a deixar seu passado, ao segundo chamado de Deus, lekh lekha, “Vá!” (Gn 22:2), o que leva Abraão a deixar seu futuro (como existiria em seu filho).

Como resultado, Abraão está sempre em movimento, sempre migrante, razão pela qual também é chamado de “estrangeiro” (Gn 17:8).

Em sua jornada, Abraão está suspenso no vazio - sem seu passado, que ele perdeu, e sem seu futuro, que ele não vê. Entre esses dois chamados, que marcam a jornada de fé de Abraão, Abraão ouve a voz de Deus, que o tranquiliza: “Não temas” (Gn 15:1). Essas palavras de Deus marcam as três seções da jornada de Abraão, que serão estudadas nas semanas 6, 7 e 8.

Abraão exemplifica a fé (Gn 15:6) e é lembrado nas Escrituras Hebraicas como o homem de fé (Ne 9:7, 8). No Novo Testamento, Abraão é uma das figuras mais mencionadas do Antigo Testamento, e esta semana começaremos a ver o porquê.

** Estude a lição desta semana para se preparar para o Sábado, 07 de Maio.*

A partida de Abraão

Leia: Gênesis 12:1-9. Por que Deus chamou Abraão para deixar seu país e sua família? Como ele reagiu?

A última vez que Deus falou com alguém, conforme as Escrituras, foi com Noé, para assegurar-lhe após o dilúvio que Ele estabeleceria uma aliança com toda a carne (Gn 9:15-17) e que outro dilúvio mundial nunca viria. A nova palavra de Deus, agora para Abrão, se reconecta com essa promessa: todas as nações da terra serão abençoadas por meio de Abrão.

O cumprimento dessa profecia começa com o abandono do passado. Abrão deixa tudo o que lhe é familiar, sua família, seu país, até mesmo uma parte de si mesmo. A intensidade desse ir se reflete na repetição da palavra-chave “go”, que ocorre sete vezes nesse contexto. Abrão tem primeiro que deixar seu país, “Ur dos caldeus”, que também é a Babilônia (Gn 11:31; Isa. 13:19). O chamado para “sair da Babilônia” tem uma longa história entre os profetas bíblicos (Is 48:20, Ap. 18:4).

A partida de Abrão também diz respeito à sua família. Abrão deve deixar sua herança e muito do que aprendeu e adquiriu através da hereditariedade, educação e influência.

No entanto, o chamado de Deus para ir envolve ainda mais. A frase hebraica *lekh lekha*, “ir”, traduzida literalmente, significa “ir você mesmo” ou “ir por si mesmo”. A partida de Abrão da Babilônia diz respeito mais do que seu ambiente, ou mesmo sua família. A frase hebraica sugere uma ênfase em si mesmo. Abrão tem que sair de si mesmo, livrar-se da parte de si mesmo que contém seu passado babilônico.

O objetivo dessa partida era “uma terra” que Deus lhe mostraria. A mesma linguagem será usada novamente no contexto do sacrifício de Isaque (Gn 22:2) para se referir ao monte de Moriá, onde Isaque será oferecido e onde será construído o templo de Jerusalém (2 Crônicas 3:1). A promessa de Deus não é apenas sobre uma pátria física, mas sobre a salvação do mundo. Essa ideia é reafirmada na promessa de Deus de bênção para todas as nações (Gn 12:2, 3). O verbo *barakh*, “abençoar”, aparece cinco vezes nesta passagem. Esta bênção universal para todas as pessoas virá através da “semente” de Abrão (Gn 22:18, Gn 26:4, Gn 28:14). O texto se refere à “descendência” que seria cumprida em Jesus Cristo (Atos 3:25).

O que Deus pede que você deixe para trás para atender ao chamado divino?

A tentação do Egito

Leia: Gênesis 12:10-20. Por que Abraão deixou a terra prometida para ir ao Egito? Como o Faraó se comportou em comparação a Abrão?

Ironicamente, Abrão, que havia acabado de chegar à Terra Prometida, decidiu deixá-la e ir para o Egito porque “havia fome na terra” (Gn 12:10). Evidências de pessoas de Canaã indo para o Egito em tempos de fome são bem atestadas em antigos textos egípcios. No ensinamento egípcio de Merikare, um texto composto durante o período do Império Médio (2060-1700 a.C.), as pessoas vindas de Canaã são identificadas como “asiáticas miseráveis” (aamu) e descritas como “miseráveis . . . falta de água. . . ele não mora em um lugar, a comida impulsiona suas pernas.” — Miriam Lichtheim, *Ancient Egyptian Literature, Volume I: The Old and Middle Kingdoms* (Berkeley, CA: University of California Press, 1973), pp. 103, 104.

A tentação do Egito era um problema frequente para os israelitas (Nm 14:3, Jer. 2:18). O Egito, assim, tornou-se um símbolo de humanos confiando em humanos e não em Deus (2 Reis 18:21; Isa. 36:6, 9). No Egito, onde a água podia ser vista diariamente, a fé não era necessária, pois a promessa da terra era imediatamente visível. Comparado com a terra da fome, o Egito parecia um bom lugar para se estar, apesar do que Deus havia dito a Abrão.

O Abrão que agora deixa Canaã contrasta com o Abrão que deixou Ur. Antes, Abrão era retratado como um homem de fé que deixou Ur em resposta ao chamado de Deus; agora, Abrão deixa a Terra Prometida por si mesmo, por sua própria vontade. Antes, Abrão confiava em Deus; agora ele se comporta como um político manipulador e antiético que conta apenas consigo mesmo. “Durante sua estada no Egito, Abraão deu evidência de que não estava livre da fraqueza e imperfeição humana. Ao ocultar o fato de que Sara era sua esposa, ele traiu uma desconfiança do cuidado divino, uma falta daquela fé e coragem sublimes tão frequentemente e nobremente exemplificadas em sua vida.” — Ellen G. White, *Patriarcas e profetas*, p. 130.

Ainda que um grande homem cometa erros, ele não é abandonado por Deus. Quando o Novo Testamento fala sobre Abraão como um exemplo de salvação pela graça, significa exatamente isso: graça. Se não fosse pela graça, Abraão, não haveria esperança para Abraão (nem para nós).

Para os fiéis, é fácil se desviar do caminho certo? Por que a desobediência nunca é uma boa escolha?

Abrão e Ló

Leia: Gênesis 13:1-18. O que essa história nos ensina sobre caráter?

Abrão voltou para onde estava antes, como se sua viagem ao Egito fosse um mero desvio infeliz. A história de Deus com Abrão teve então um novo início, onde havia parado desde sua primeira viagem à Terra Prometida. A primeira estação de Abrão é Betel (Gn 13:3), assim como em sua primeira viagem à terra (Gn 12:3-6). Abrão se arrependeu e voltou para “si mesmo”: Abrão, o homem de fé.

A reconexão de Abrão com Deus se mostrou na sua relação com as pessoas, na forma como ele trata o problema com Ló, seu sobrinho, sobre o uso da terra. É o próprio Abrão quem propõe um acordo pacífico e permite que Ló escolha primeiro (Gn 13:9, 10), um ato de generosidade e bondade indicativo do tipo de homem que Abrão era.

O fato de Ló ter escolhido a melhor parti — a planície bem regada (Gn 13:10, 11) — sem qualquer preocupação com a maldade de seus futuros vizinhos (Gn 13:13) revela algo sobre sua ganância e caráter. A frase “para si mesmo” nos lembra dos antediluvianos, que também escolheram “para si” (veja Gn 6:2).

Em contraste, o movimento de Abrão foi um ato de fé. Abrão não escolheu a terra; foi dado a ele pela graça de Deus. Ao contrário de Ló, Abrão olhou para a terra apenas por ordem de Deus (Gn 13:14). É somente quando Abrão se separa de Ló que Deus fala com ele novamente (Gn 13:14). De fato, esta é a primeira vez registrada na Bíblia que Deus fala com Abrão desde seu chamado em Ur. “Levante os olhos agora e olhe do lugar onde você está – para o norte, para o sul, para o leste e para o oeste; porque toda a terra que vires, eu dou a ti e à tua descendência para sempre” (Gn 13:14, 15). Deus, então, convida Abrão a “andar” nesta terra como um ato de apropriação. “Levanta-te, anda pela terra pelo seu comprimento e pela sua largura, porque eu a dou a ti” (Gn 13:17).

O Senhor, porém, deixa muito claro que Ele, Deus, está dando a Abrão. É um dom, um dom da graça, que Abrão deve se apropriar pela fé, uma fé que leva à obediência. É somente a obra de Deus que realizará tudo o que Ele havia prometido a Abrão (veja Gn 13:14–17).

Como podemos aprender a ser gentis e generosos com os outros, mesmo quando não são assim conosco?

A coalizão de Babel

Leia: Gênesis 14:1-17. Que ponto relevante vemos no fato de que essa guerra ocorreu logo após a doação da terra prometida? O que essa história nos ensina sobre Abraão?

Esta foi a primeira guerra narrada nas Escrituras (Gn 14:2). A coalizão de quatro exércitos da Mesopotâmia e da Pérsia contra a outra coalizão de cinco exércitos cananeus, incluindo os reis de Sodoma e Gomorra (Gn 14:8), sugere um grande conflito (Gn 14:9). A razão para esta operação militar tem a ver com o fato de que os povos cananeus se rebelaram contra seus suseranos babilônicos (Gn 14:4, 5). Embora esta história se refira a um conflito histórico específico, o momento desta guerra “global”, logo após o presente de Deus da Terra Prometida a Abrão, dá a este evento um significado espiritual particular.

O envolvimento de tantos povos de de Canaã sugere que a questão em jogo nesse conflito era a soberania sobre a terra. Ironicamente, o acampamento de Abrão, o verdadeiro interessado, por ser o único verdadeiro dono da terra, é a única força que permanece fora do conflito, pelo menos no início.

A razão da neutralidade de Abrão é que, para Abrão, a Terra Prometida não foi adquirida pela força das armas ou pela sabedoria de estratégias políticas. O reino de Abrão foi um presente de Deus. A única razão pela qual Abrão intervirá é o destino de seu sobrinho Ló, que foi feito prisioneiro no decorrer das batalhas (Gn 14:12, 13).

“Abraão, morando em paz nos bosques de carvalhos em Manre, soube de um dos fugitivos a história da batalha e da calamidade que se abateu sobre seu sobrinho. Ele não acalentara nenhuma lembrança indelicada da ingratidão de Ló. Toda a sua afeição por ele foi despertada, e ele decidiu que deveria ser resgatado. Buscando, antes de tudo, conselho divino, Abraão preparou-se para a guerra.” — Ellen G. White, Patriarcas e profetas, p. 135.

Mas Abrão não confrontou toda a coalizão. No que deve ter sido uma operação de comando rápida e noturna, ele ataca apenas o campo onde Ló estava preso. Lote está salvo. Assim, este fiel homem de Deus também mostrou grande coragem e fortaleza. Sem dúvida, sua influência na região cresceu, e as pessoas viram o tipo de homem que ele era e aprenderam algo mais do Deus a quem ele servia.

Qual é a influência de nossas ações? Que mensagem nossos atos dão sobre nossa fé?

O dízimo de Melquisedeque

Leia: Gênesis 14:18-24; Hebreus 7:1-10. Quem foi Melquisedeque? Por que Abraão deu seu dízimo a esse sacerdote, que parece ter surgido do nada?

O súbito aparecimento do misterioso Melquisedeque não está fora de lugar. Depois que Abrão foi agradecido pelos cananeus, ele agradeceu ao sacerdote, por meio de dízimo.

Melquisedeque vem da cidade de Salém, que significa “paz”, uma mensagem apropriada após o tumulto da guerra.

O componente tsedek, “justiça”, no nome de Melquisedeque, aparece em contraste com o nome do rei de Sodoma, Bera (“no mal”) e Gomorra, Birsha (“na maldade”), provavelmente sobrenomes para o que eles representam (Gn 14:2).

Melquisedeque aparece após a reversão da violência e do mal representado pelos outros reis cananeus. Esta passagem também contém a primeira referência bíblica à palavra “sacerdote” (Gn 14:18). A associação de Melquisedeque com o “Deus Altíssimo” (Gn 14:18), a quem Abrão chama de seu próprio Deus (Gn 14:22), indica claramente que Abrão o via como sacerdote do Deus que Abrão servia. Melquisedeque, entretanto, não deve ser identificado com Cristo. Ele era o representante de Deus entre as pessoas daquela época (ver Ellen G. White Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia v. 1, págs. 1203, 1204).

Melquisedeque oficiava, de fato, como sacerdote. Ele serviu “cereal e vinho”, uma associação que muitas vezes implica o uso de suco de uva recém-prensado (Dt. 7:13, 2Cr 31:5), que reaparece no contexto da entrega dos dízimos (Dt. 14:23). Além disso, ele estende a bênção a Abrão (Gn 14:19).

Abrão, enquanto isso, “deu-lhe o dízimo de tudo” (Gn 14:20) como uma resposta a Deus o Criador, o “Possuidor do céu e da terra” (Gn 14:19). Este título alude à introdução da história da Criação (Gn 1:1), onde a frase “céus e terra” significa totalidade ou “todos”. Como tal, o dízimo é entendido como uma expressão de gratidão ao Criador, que possui tudo (Hb. 7:2-6; compare com Gen. 28:22). Paradoxalmente, o dízimo é entendido pelo adorador não como uma dádiva para Deus, mas como uma dádiva de Deus, porque Deus nos dá tudo.

Além de ser uma expressão de fé, o ato de devolver o dízimo também edifica a lei?

Estudo Adicional: “Leia Ellen G. White, “Abraão em Canaã”, pp. 134–136,

“A igreja de Cristo deve ser uma bênção, e seus membros devem ser abençoados como eles abençoam os outros. O objetivo de Deus ao escolher um povo antes todo o mundo não era apenas para que Ele pudesse adotá-los como Seus filhos e filhas, mas para que por elas pudesse conferir ao mundo a benefícios da iluminação divina. Quando o Senhor escolheu Abraão foi não simplesmente para ser o amigo especial de Deus, mas para ser um médium dos privilégios preciosos e peculiares que o Senhor desejava conceder às nações.

Ele deveria ser uma luz em meio à escuridão moral de seu ambiente. “Sempre que Deus abençoa Seus filhos com luz e verdade, não é apenas para que tenham o dom da vida eterna, mas para que os que os rodeiam eles também podem ser espiritualmente iluminados. . . . ‘Vós sois o sal da terra.’ E quando Deus faz Seus filhos sal, não é apenas para a sua própria preservação, mas que possam ser agentes na preservação de outros. . . .

“Vocês brilham como pedras vivas no edifício de Deus? . . . Nós não temos a religião genuína, a menos que exerça uma influência controladora sobre nós em cada transação comercial. Devemos ter piedade prática para tecer em nosso trabalho de vida. Devemos ter a graça transformadora de Cristo em nossos corações. Precisamos muito menos de nós mesmos e mais de Jesus.” — Ellen G. White, Refletindo Cristo, p. 205

Questões para discussão:

☐ O que significa ser abençoado (Gn 12:2)? Como ser uma bênção para os outros?

☐ Qual o erro da meia-verdade de Abraão a respeito de sua irmã-esposa? O que é pior, mentir ou dizer uma verdade e, ao mesmo tempo, mentir tecnicamente?

☐ Leia a resposta de Abraão à oferta do rei de Sodoma (Gn 14:21-23). Que lição tiramos dessa história? Abraão teria sido justificado se tivesse aceitado a terra?

Um casamento dos sonhos

Por Yulia Bondarenko

O dia em que Ruth deu seu primeiro passo para se tornar uma missionária foi quando ela entregou sua vida a Jesus e foi batizada enquanto estava na sétima série nos Estados Unidos.

Na oitava série, ela foi convidada a limpar sua igreja adventista do sétimo dia. Ela não sabia nada sobre limpeza de igrejas, então, em vez disso, sentou-se ao piano. Enquanto tocava e cantava sobre seu Salvador, ela imaginou pessoas de vários países sentados nos bancos, e um desejo de oração se formou em sua mente de se casar com um homem que tocaria e cantaria com ela. Mas quem?

Quando ela tinha 15 anos, Ruth viu sua irmã recém-casada, visitando a casa de sua lua de mel, vestir seu vestido de noiva, colocar as mãos sobre os olhos e soluçar. Ruth resolveu que uma situação semelhante não aconteceria com ela e começou a fazer uma lista de características desejáveis em seu futuro marido. Sua mãe, sabendo da lista, sabiamente disse: “Ruth, você também tem que se tornar o tipo de mulher que esse homem pode querer”. Ruth começou a buscar em espírito de oração adquirir essas características que esperava em seu marido. Mas quem?

Pouco antes de frequentar a Universidade Andrews, Ruth ficou brevemente noiva, mas ela o rompeu. Alguns meses depois, ela terminou outro relacionamento depois de saber que o homem estava namorando outra pessoa ao mesmo tempo.

Naquele inverno, Ruth estava na residência das mulheres, esperando para cantar, quando uma amiga exclamou: “Lá está Emil Moldrik! Vamos entrar no carro dele!” “Who?” Ruth perguntou. “Você não sabe?” sua amiga respondeu. “Ele canta, toca órgão e quer ser pastor.” Ruth pensou: É quem!

Nas horas seguintes, Ruth cantou soprano e Emil cantou tenor. Ela sentiu uma nova alegria em seu coração e não conseguia parar de olhar nos olhos dele. Ela acreditava que os olhos são as janelas do coração, e os olhos dele eram tão gentis e puros. Emil retornou o olhar de Ruth enquanto cantavam, e na noite seguinte ele marcou um encontro.

Hoje, Emil e Ruth Moldrik estão casados há quase 60 anos e serviram a Deus em mais de 15 países, cantando e tocando instrumentos musicais como missionários. Emil toca 12 instrumentos, incluindo serra e harpa. O casal visitou a Ucrânia sozinho 10 vezes, conduzindo aulas de casamento e de língua inglesa e reuniões bíblicas.

Enquanto Ruth se lembra do dia em que cantou e tocou na igreja vazia, ela louva a Deus por realizar seu sonho. “Eu cantei e toquei ao redor do mundo, então Deus respondeu minhas orações”, diz ela.

Fornecido pelo Escritório da Conferência Geral da
Missão Adventista, que usa as ofertas missionárias da
Escola Sabatina para espalhar o evangelho em todo o
mundo. Leia novas histórias diariamente em
www.AdventistMission.org.

Acreditamos que Deus aumentou o conhecimento de nosso mundo moderno e que Ele deseja que o usemos para Sua glória e proclamar

Seu breve retorno! Precisamos da sua ajuda para continuar a disponibilizar a Lição da Escola Sabatina neste aplicativo. Temos os seguintes custos Firebase, hospedagem e outras despesas. Faça uma **doação** no nosso site WWW.EscolaSabatina.net